BOLETIM
PROEALC
Centro de Ciências Sociais / CCS - Janeiro-Fevereiro de 2001 - ISSN 2175-9103 04
8

Boletim Número 04
Data: Janeiro-Fevereiro/2001

EDITORIAL

O quarto número do periódico do Programa de Estudos de América Latina e Caribe inicia o ano de 2001 com a publicação de documento resultante do Fórum Social Mundial que ocorreu em Porto Alegre de 25 a 30 de janeiro. A cidade sede do Fórum foi escolhida por ser a capital do Rio Grande do Sul, estado da participação popular, que hoje é referência mundial na resistência ao neoliberalismo e pela implementação de um modelo de gestão pública, democrática e popular. O fato do Fórum ter sido realizado pela primeira vez em um país da América Latina também não foi por acaso. Hoje, a América Latina constitui sem dúvida um espaço privilegiado de resistência ao avanço do neoliberalismo durante a última década. Fenômenos como a Revolta Zapatista no México, as freqüentes rebeliões do Equador encabeçadas pela Confederacíon de Nacionalidades Indígenas, o Movimento dos SemTerras (MST) em nosso país e muitos outros movimentos representam experiências decisivas neste sentido.

O processo de confluência e solidariedade internacional ganhou no Fórum Social Mundial uma nova expressão. Este grande encontro de lideranças e personalidades do mundo inteiro criou um "novo espaço internacional para a reflexão e a organização de todos os que se contrapõem as políticas neoliberais globalizantes e estão construindo alternativas para priorizar o desenvolvimento humano e a superação da dominação dos mercados em cada país e nas relações internacionais". No começo de um novo milênio. o Fórum Social deixou claro que um outro mundo é possível e que precisamos começar a construí-lo juntos.

Neste sentido, dentre as matérias e informações que compõem a presente edição, também destacamos um homem cuja figura despojada e heróica inspirou milhares de pessoas na luta contra a opressão e a exploração capitalista. Até hoje, o maior símbolo de rebeldia do século XX - o guerrilheiro Ernesto "Che" Guevara.

Silene de Moraes Freire

Em Foco I

"O Che que habita em nossos corações"

Walter Angelo Fernandes Aló*

A mitologia de alguns povos da Amazônia conta que quando um nativo morre "vira bicho, vira pássaro, vira estrela". Se incorpora ao tudo, à natureza, dando continuidade ao grande ciclo da vida.

E os heróis? Após a morte biológica adquirem novas dimensões e significados? Ultrapassam a barreira cronológica de suas épocas? Refutando o lugar comum que diz que "a morte sublima tudo", a posteridade só guarda um lugar no "coração companheiro" do povo para os "heróis solidários", de dimensão humanista. Os "heróis oficiais", construídos pelos áulicos de plantão, são sumariamente "deletados" pelo imaginário social.
Revendo os últimos 500 anos da história latino americana (numa concessão à periodização eurocentrista) encontraríamos amor impregnado de cristianismo primitivo de Bartolomeu de Las Casas, a coragem de Tupac Amaru e de Sandino e a abnegação e ardor revolucionário de Zapata e de Fidel Castro. Entretanto, nenhum desses grandes homens atingiu a condição de Mito como Ernesto Che Guevara.

A consolidação da transcendental dimensão de “Apostolo da Utopia Revolucionária”de uma América Latina livre e socialista talvez tenha sido erigida justamente porque Che encerrava, em seu “coração generoso” seu “braço forte”, um pouco da grandiosidade de cada um desses admiráveis Latino-Americanos, sintetizada na “virtude solidária”do revolucionário.

Como “herói humanista”, Che foi além da temporalidade: ignorou o marco cultural das gerações. O jovem que descobre (no colégio, no partido, na cultura) o significado do guerrilheiro de Sierra Maestra, seu papel na revolução cubana de 1959, na luta contra o imperialismo norte-americano, que assolava (e ainda assola) nosso povo e na expansão da revolução pelos outros países da América Latina, quando interpela o pai ou a mãe sobre àquela conjuntura, não encontrará, de certo, a indiferença. Da descoberta de uma “identidade libertária”com os “coroas”, passando pela perspectiva conservadora, que “aprisionou” uma visão deturpada das “diabruras daquele terrorista barbudo, de boina e comunista”(o que confere uma dignidade maior ainda às lutas dos homens e mulheres daqueles incríveis anos sessenta).

Vida e luta, identidade e sonho, sempre caminharam juntas na existência de Che. O jovem argentino, nascido em berço burguês que teve acesso a escolaridade superior (ao contrário da imensa maioria de seus irmãos latinos), enveredando pelos estudos da Medicina, tinha tudo para continuar sendo mais um no comodismo e no egoísmo de uma sociedade capitalista.

Suas mais profundas angústias e inquietações acerca de uma terra e de um povo lindo, porém profundamente explorado, desrespeitado e consumido como “carvão humano” (como dizia outro apaixonado pela América Latina, o Prof. Darcy Ribeiro) pela engrenagem de uma lógica de acumulação capitalista norte-americana (cooptadora de nossas elites), adormecidas no imobilismo da consciência, ganharam um sopro de vida a partir daquela incrível viagem de moto, quando o jovem Ernesto tomou contato com a cruel realidade social de vários países da América Latina.

Naquele instante se acendeu no coração do Che a “chama da indignação”, que iria acompanhá-lo por toda sua vida revolucionária, desencadeando a compreensão da inevitável Missão de organização de uma luta social transformadora da realidade.

Ao descobrir seu destino, Che virou “o primeiro latino-americano contemporâneo” (numa conjuntura completamente diferente do sonho de Bolívar), potencializando um sentimento e uma identidade supranacional, que fez desse argentino, herói dos cubanos, morrer na Bolívia, justamente quando colocava em prática a “luta generosa” da expansão da revolução, sonhando com uma América Latina livre e fraterna.

Hoje, em tempos de neoliberalismo, de um mundo que cultua o dinheiro e o mercado, onde os países do norte ignoram a soberania dos países do sul, aprisionando-os na dependência da dívida externa, do analfabetismo e da fome, a mensagem e o exemplo de Che ganham inacreditável atualidade. Entretanto essa mesma sociedade capitalista se apropriou do mito buscando esvaziar o seu conteúdo revolucionário, uma vez que a indústria cultural não parou de massificar a imagem de Guevara, pulverizando-a em um variado leque de mercadorias, como botons, chaveiros, camisas, boinas, etc.

A escolha de Guevara como personalidade do milênio faz parte do mesmo processo de irrupção de uma gigantesca força social e política, constituída pelos povos do sul, que se nega a viver num mundo globalizado e de primazia do capital financeiro especulativo, que se mostrou para o mundo a partir das “batalhas de Seattle”, atingindo seu ápice na pujança dos recentes debates do Fórum Social Mundial de Porto Alegre.

Tomara que a coragem e a grandeza da luta dos povos do Sul inaugure uma era de esperança, emocionando os homens e mulheres do 3º mundo, principalmente os latino-americanos, para que possamos descobrir a “parcela do Che que habita em nossos corações”, não arrefecendo na luta cotidiana pela construção de uma América Latina soberana, igualitária e fraterna, como sonhava um tal “herói generoso”, que certamente continuará proclamando sua utopia por mil anos.

*Mestre em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Membro do conselho consultivo do PROEALC.

Em Foco II

Entrevista

Neste mês, o boletim PROEALC, apresenta trechos da entrevista concedida ao portal Global 21 (www.global 21.com.br), pelo Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, do Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, sobre a possível antecipação da ALCA e seus reflexos sobre o MERCOSUL.

Global21- Na sua opinião, implantar a ALCA é um processo irreversível?

Samuel Pinheiro Guimarães - Não há, na política e no direito internacional, nenhum processo de negociação, em nenhum foro, em nenhuma região, em nenhuma organização, que tenha de ser considerado irreversível e aceito passiva e submissamente pela sociedade como irreversível. Na ausência de pressões, os Estados se engajam em negociações... a partir da avaliação momentânea desses Governos das circunstâncias históricas e das vantagens que pensam obter como resultado dessas negociações. Na medida em que aquelas circunstâncias se modificam radicalmente, aquela decisão inicial de negociar pode e deve ser repensada. Caso se chegue à conclusão de que os interesses superiores da sociedade brasileira aconselham a que não se negocie uma área de livre comércio, no caso com os Estados Unidos, pois é disto que se trata na ALCA, pode-se e deve-se decidir que a participação do Brasil neste processo não deve mais ocorrer (...). Assim, considerar o processo da ALCA como irreversível seria desconhecer estas mudanças radicais de circunstâncias e de expectativas. Por outro lado, nenhuma retaliação pode resultar de uma decisão soberana brasileira de não participar de uma eventual ALCA, como aliás hoje não participamos do NAFTA.

Global21- Qual o impacto da ALCA - Área de Livre Comércio das Américas - sobre o Mercosul, sob os pontos de vista político, econômico e nas relações de comércio entre os blocos?

Samuel Pinheiro Guimarães - O impacto sobre o Mercosul será radical por mais que os defensores de ALCA e de sua compatibilidade com o Mercosul argumentem que este impacto se daria ao longo do tempo, em um período de dez a quinze anos. Os benefícios do Mercosul (vigorosa e rápida expansão do comércio intra-zonal, aumento de investimentos externos na região etc.) decorrem de ser ele um sistema preferencial que privilegia as empresas instaladas nos Estados membros e as protege da competição de empresas de terceiros países, entre eles os Estados Unidos (...).

O Mercosul é até o momento uma união aduaneira e uma área de livre comércio, ambas imperfeitas e incompletas, e não terá tempo nem condições, dada a grave situação conjuntural (e estrutural) das economias e sociedades dos Estados membros de criar de fato novos compromissos de integração e criar instituições semelhantes de alguma forma às existentes na União Européia (instituições comuns e supranacionais, políticas comuns em diversos setores, moeda comum etc.).

A ALCA levará ao desaparecimento do Mercosul como organismo de integração e como possível plataforma de ação econômica e política internacional, pois para sua eficiente atuação política faltará o cimento econômico que o processo de integração cada vez mais profundo entre as sociedades do Cone Sul poderia criar para a defesa de interesses comuns em um mundo cada vez mais competitivo e instável.

29/12/2000.

Espaço Aberto

O Fórum Social Mundial (FSM) ocorreu entre 25 e 30 de janeiro de 2001 em Porto Alegre, Brasil, ao mesmo tempo que se realizou o Fórum Econômico Mundial de DAVOS, na Suíça. O Governo do Estado e a Prefeitura de Porto Alegre apoiaram oficialmente a realização desse evento que buscou alternativas para um mundo baseado na solidariedade entre os povos. O documento resultante do Fórum (FSM) é uma demonstração de que é possível se gerar um movimento de resistência internacional ao processo de mundialização internacional.

Avanços e Desafios entre Porto Alegre e Porto Alegre

Estivemos reunidos em Porto Alegre, com milhares de pessoas, com o sentimento de estar construindo o sujeito histórico para geração de um mundo novo. Chegamos porque queríamos estar, queríamos pertencer, queríamos opinar, queríamos ouvir, queríamos voltar a ter o nosso destino em nossas próprias mãos.
Milhares, que sabíamos ter projetados sobre nós a milhões, a todos os que, descontentes com o mundo reproduzido à imagem e semelhança do dinheiro e da mercadoria, olham para todos os lados buscando sinais de um novo mundo. Os mesmos olhos esperançados que se dirigem para Chiapas, para o MST, para o orçamento participativo, para todos os sinais de discordância, de resistência e de construção de espaços novos, que prenunciem um mundo novo.
Voltaremos a Porto Alegre daqui a um ano. Seremos muitos mais, seremos mais fortes, serem melhores. Contanto que saibamos captar o que há de novo no mundo depois do FSM deste ano, de captar a real correlação de forças existentes, avançar na acumulação de forças. Em suma, saibamos ter consciência das nossas forças.

1. O que mudou, na luta por um outro tipo de sociedade - mais humana, mais solidária - com o Fórum Social de Porto Alegre?

Seria fácil dizer que “o tempo dirá”. Mas, no caso da construção de força, no caso da construção de novos sujeitos, ou fazemos com que o tempo diga ou ele não nos dirá nada.

Que condições estão dadas para que se avance na construção de uma nova força histórica? Quanto avançamos e que caminhos temos que trilhar para dar uma virada decisiva nessa luta?

O FSM representou, em primeiro lugar, uma vitória “moral”, isto é, ficou claro para todos que se ligaram na informação dos dois eventos - DAVOS e Porto Alegre - que era aqui que se discutiam os temas fundamentais da humanidade na entrada do novo século. O amplo leque de temas em discussão, a composição contrastante dos dois times que se enfrentaram na teleconferência, o tipo de gente que foi a um e a outro, as propostas feitas - tudo remeteu a dois mundos diferentes - o dos de cima e o dos de baixo, o do dinheiro e o dos direitos, o do lucro e o da necessidade, o da especulação e o do trabalho, para dizê-lo em fórmulas simples.

2. Foi também uma vitória “ideológica”, ao deslocar - ou acentuar o deslocamento - dos debates para a ótica do social, em detrimento do economicismo reinante. DAVOS teve que vergar às preocupações de ONGs, os temas financeiros tiveram que ser tratados nos bastidores, a versão cor-de-rosa sobre a crise norte-americana entra em confronto diretamente com os dados e até mesmo com a análise do Banco Central dos EUA, no debate televisivo os de DAVOS buscaram desesperadamente pontes de contato e diálogo com Porto Alegre - sem consegui-lo.

O Banco Mundial já havia referido seu discurso - reproduzido pela chamada “Terceira Via”, por muitas ONGs e pelas miseráveis políticas de “solidariedade”que pretendem remediar o inferno social produzido pelas políticas econômicas neoliberais, sem modificá-las e, portanto - como o caso mais recente do governo De La Rúa na Argentina demonstra - promover um embuste, uma farsa, que rapidamente dilapida o capital eleitoral conseguido com suas promessas demagógicas. Mas ficou claro que sem uma outra forma de organização da produção de riquezas - materiais e espirituais -, nada muda num mundo em que a concentração de riqueza, de poder, de tecnologia, de informação, de meios de comunicação, só se multiplica.

Outra vitória ideológica foi o reconhecimento de que um outro pensamento é possível, presente simplesmente na aceitação do debate, embora a grande imprensa mundial já houvesse consagrado a contraposição de dois mundos possíveis pela cobertura quase eqüitativa para os dois eventos.

No plano teórico e de propostas é preciso ainda recoletar todo o material apresentado, para que um balanço real seja possível, embora já saibamos, pelo nível de elaboração conhecido anteriormente, que há amplos pontos de coincidência nos diagnósticos a respeito da situação do mundo - o período atual do capitalismo, a relação de forças existentes no mundo, as principais linhas de ação para a superação do neoliberalismo, tendo a mercantilização do mundo como obstáculo fundamental para a construção de um outro mundo. Podemos, de qualquer forma, prever, que o campo de formulações teóricas e estratégicas que as novas condições de luta impõem requererá um esforço específico de elaboração, pela simples novidade nas formas de acumulação de forças e pela especificidade das novas modalidades que a diversidade de conflitos, suas formas de

organização diferenciadas, a complexidade da relação entre diferentes movimentos, partidos, ONGs, impõem. Para nos determos aqui um pouco, basta dizer que temos força moral e social acumulada, assim como um cerco capital teórico. No entanto, essa força acumulada se enfrenta como uma debilidade enorme no campo político. Desde Seattle conseguimos mudar o cenário ideológico no mundo, porém isso não fez com que aparecesse - até aqui, pelo menos - nenhum governo novo, defendendo posições pelo menos próximas às nossas, não deixou de circular um dólar nos circuitos especulativos do mundo. Embora deslocados pela nova polarização mundial - que já não corresponde a seu discurso entre a modernidade e o atraso -, os governantes e a tecnocracia econômica dos organismos internacionais, com os seus ventríloquos, puderam seguir adiante com a farra especulativa que inunda o mundo com a supremacia da desregulação financeira. Nenhum governo mudou de posição, nenhuma força política significativa assumiu posições diferentes das que tinha no auge do neoliberalismo, em mediados da década passada.

Uma frente de luta contra o neoliberalismo, pela própria amplitude que assumiu essa ideologia e suas políticas, não conta com governos - como os que existiam no Terceiro Mundo, sem falar na desaparição de regimes que se proclamavam anti-capitalistas. O que não quer dizer que não comecem a aparecer - embora o Brasil seja ainda um caso isolado de país em que seja possível conquistar um governo sintonizado com o FSM no ano que vem.

Essa nova situação nos coloca a necessidade de encontrar ferramentas teóricas que nos permitam encarar novas formas de acumulação de forças nas condições atuais de luta. Como passar dessa força moral e social a força política? Como apoiar-nos nos governos locais e fazer deles pontos de apoio para conquistar governos nacionais? Como combinar programas locais de auto-organização e resistência com mecanismos que lhes permitam sobreviver e reproduzir-se, em meio a uma dinâmica avassaladora de financeirização e de mercantilização que buscam ocupar todos os espaços das nossas sociedades?

O maior desafio que temos pela frente é assim o de forjar força política, para que possamos efetivamente começar a transformar o mundo feito à imagem e semelhança do liberalismo econômico.

3. Podemos contar com uma série de formulações que nos permitem reassumir a iniciativa política - algo que nos faltou tanto no período anterior e que fez com que ficássemos em grande parte reduzidos a uma atitude de resposta a iniciativas neoliberais, que tinha assim a capacidade de definir os temas e os termos de seu debate. Contamos para isso desde a Frente de Prefeitos, que irá à reunião do G-8, na Itália, com suas propostas, até as propostas da Frente de Parlamentares, da Via Campesina, entre tantas outras.

No nosso caso particular, temos diante de nós as definições sobre a inserção internacional dos países da América Latina, combate que joga suas cartas decisivas este ano, com as reuniões de Buenos Aires - no começo de abril - e de Quebec - no fim de abril - , quando os EUA e seus aliados continentais pretendem assinar os acordos da ALCA, cuja vigência seja a ser cogitada de adiantamento para 2003. (Provavelmente uma manobra para deslocar para aí a discussão, tirando-a do foco central: assinar ou não os acordos e, talvez, finalmente, fazer a “concessão” de deixar para a data original, conquistando o essencial: os acordos.)

Não nos limitaremos ao protesto em Buenos Aires e em Quebec: trabalhamos para que parlamentares da maior quantidade possível de países do continente possam apresentar projetos de lei similares no Congresso de seus países, obrigando aos governos do continente a convocar um plebiscito antes de assinar qualquer acordo referente à ALCA. Ainda que não sejam aprovados, faremos, como no caso da dívida externa no Brasil - em que conseguimos que mais de 6 milhões de pessoas votassem - plebiscitos convocados por organizações populares, oxalá no mesmo dia - por exemplo, em 12 de outubro - para que os povos latino-americanos se pronunciem sobre a forma de inserção - soberana ou subordinada - no mundo atual.

Disporemos igualmente de uma proposta alternativa de integração, elaborada no seminário “América Latina: integração soberana ou subordinada?”, realizado na UERJ, no Rio de Janeiro, no começo de 2001.

Além disso, deveremos desenvolver o maior número de iniciativas políticas, que apontem na direção do mundo solidário e justo que desejamos construir, desde iniciativas sobre os transgênicos, sobre a fome na África, sobre a normalização das relações entre os EUA e o Brasil, contra o Plano Colômbia, entre outras.
O principal é nos sentirmos todos como militantes na construção de um mundo novo, de usarmos o melhor da nossa capacidade de elaboração teórica, da nossa criatividade política, o melhor da nossa sensibilidade social, do nosso calor humano, da nossa capacidade de acreditar que um outro mundo é possível e absolutamente necessário - para fazer de Porto Alegre 2001 um ponto não de retorno, fazer do FSM deste ano uma alavanca

para a construção da força social, moral, política e cultural que nos faça negar o mundo como mercadoria, para a construção de um mundo à imagem e semelhança do que de melhor a humanidade já produziu. Para dizê-lo numa palavra - de um mundo à imagem e semelhança do Che Guevara.

Livros lançamentos

BORGIANNI, Elizabete & MONTAÑO, Carlos. La Política Social hoy. SP, Cortez, 2000.

O livro reúne diversos artigos que abordam questões centrais para a compreensão da gênese e desenvolvimento das políticas sociais na América Latina hoje. Recorrendo a diferentes trabalhos e autores, os textos incluídos nessa coletânea representam algumas reflexões desenvolvidas no marco das perspectivas mais críticas e ricas de determinações, que tanto contribuem para o estudo das categorias genéticas das políticas sociais como para o estudo atualizado destas no contexto neoliberal e "globalizado".

Expediente

Reitor
Profª Nilcéia Freire
Vice-reitor
Profº Celso Pereira de Sá
Sub-reitor de Graduação
Profº Dr. Isac José Vasconcellos
Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa
Profª Dra. Maria Andréa Loyola
Sub-reitor de Extensão e Cultura
Profº Dr. André Lázaro
Diretora do Centro de Ciências Sociais
Profº Dra. Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves
Coordenadora do PROEALC
Profª Dra. Silene de Moraes Freire
Editora Responsável
Profª Dra. Silene de Moraes Freire

Coordenação de Produção
André Felipe Carvalho Silva (PROEALC/FSS/UERJ),
Janaina Bilate Martins (PPGSS/FSS/UERJ) e Prof. Ms..
Walter Ângelo Fernandes Aló (PROEALC/UERJ)
Colaboradores
Prof. Ms. Walter Ângelo Fernandes Aló
(PROEALC/UERJ)
Projeto Gráfico
Érica Fidelis (NAPE/DEPEXT/UERJ)
Diagramação
André Felipe Carvalho Silva (PROEALC/FSS/UERJ),
Bruno Jorge de Oliveira Pedreira (PROEALC/CCS/UERJ)
Revisão
Janaina Bilate Martins (PPSFSS/UERJ)
Raquel Ortega (PROEALC/IL/UERJ)